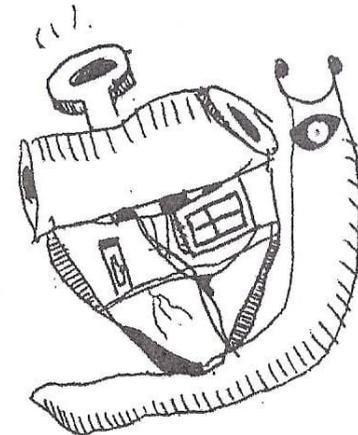


Prolegómenos

Sobre

las mas vulsantes



Felipe Freitag

Texto de apresentação:

É certo que a prece/poesia do Felipe Freitag é de "tirar dor dos ossos, do rim, do fígado, da existência até desaguar para o mar", numa persona *punk* que quer a liberdade para poder contar borboletas e comer bolachas água e sal. É por isso que ele é um Poeta, menino que nasceu velho na sabedoria de entender o mundo, na complexa cena da simplicidade.

Abri essa caderneta azul, um fanzine sobre o quintal, e aceitei dançar com as lesmas valsantes. Ouvi essa valsa que me fez subir as escadas e lavar as janelas. Despreparada, eu Caio, mas as lesmas me deixam numa repetida tarde de sábado. A prece/poesia do Freitag é sofrimento, "Quero de volta o que me tiraram", ela grita. Esse sofrimento da desesperança vai além, acomoda as palavras para ironicamente presentear ao leitor um filtro de bondade.

Não gosto de pieguice, não gosto de palavras em vão, não gosto de tanta coisa, mas os textos que lerão não usam o não, optam pelo sim, pela obviedade de que tudo está lá contido seja na broa, no polvilho, na terra do roçador.

Leitor, te acomoda na brisa e sente o aroma do pão. Te sentirás na casa da infância, daquela inexistente, daquela que gostamos de lembrar e voltar com esses olhos doidos.

(Aline Coelho da Silva. Professora do Centro de Letras e Comunicação da UFPEL. Doutora em Estudos da Literatura pela UFRGS)

"[...] a que tu tens das nove mínguas, não terá mais míngua, nem na carne, nem nos ossos, nem nos nervos, nem no sangue, nem no rim, nem no fígado, nem no intestino, nem na bexiga. [...] mandai essa míngua para o mar salgado, aonde não tiver pão, nem cristão batizado."
(Benzedura popular para míngua, recolhida de uma rezadeira de e em Vista Alegre, RS)

Agosto

Cheiro as suas costas.
A costela faz-me homem.
Odor infantil.
Cravo, enxofre, fumaça.
A costela faz-me homem.
Pele adiposa.
Cana-de-açúcar?
Marmelada?
Pão-de-ló engordurado.
Mão exposta-segura.
Sua costela não me faz mais homem.
Sua costela me faz menino.
Uma anca que perfuma.
Transfere.
Gruda na alma um pequenino pedaço de geio.
E essa lasca amortece-me.
E a costela dela.
Caramelo.
Leite.
Colo recaído sobre minha boca.

Azia doce nevada.

Ela bergamota.
Só o é; no inverno.
Inteira, completa, una. Perfume, alquimia fria.
E desnuda, qual ovelha na tosquia.
Sabor de bergamota.
É despedaçado no verão.
Saboroso sabor invernal.
Grelha a língua com um arrepio notocordal.
Espremem as veias, sucos flácidos de tua cor alaranjada.
Raia os caninos, pela tua força visceral.
Em projetar neles um asco de tamanha sensação. Acidental, proposital?
Frieza doce, qual teu sumo congelado de qualquer esquentamento.



Vales mofados

A bondade de meus pais...
São nomes e valores...
Grudados por fita adesiva...
No azulejo branco...
E branco de pó.

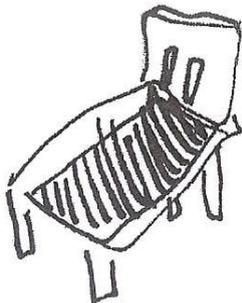


Laranjas faz de conta

Aquelas videiras, que se cruzavam ao levante alto.
Chegar até o lado do mais topográfico ambiente.
Sob aquela laranjeira, onde as gavinhas de uva se emaranhavam e confundiam a visão.
Ora laranjeira, ora videira.
Ora uvas, ora laranjas.
Preciosos castelos, edificantes mansões.
Fartos banquetes, quartos reinantes.
Entre galhos retorcidos, uma cama, de alvo lençol, cheiro suave, vindo das pequeninas flores de laranjeira.
E da janela desta árvore, lançava olhar ao futuro.
Para ver se o presente me enganava.
Ou se simplesmente o balanço estava bem dependurado.
Uma voz, quase um grito.
O chamado.
Casas em ruínas.
Castelos engolidos pela areia.
Sonhos perdidos.
Perdidos somente até à nova subida à laranjeira.

Via no poço, pedrinhas da irmã

Tinha dois olhos, negros rubros.
Mel adocicado.
Um olhar açucarado.
Com a bênção da beleza.
Via, estrelas, via até um banheiro público.
Sabia onde pisar.
Queria se levantar.
Foi pescar.
Perdeu um dos olhos.
Fora roubado do pequenino.
Caiu, perdeu, roubaram?
Quem sabe, tiraram.
Não, ficou.
Agora marca cedo, marca tarde, marca na própria marca.
Agora incrustado no olhar, está lá, o exato momento.
Um instante, um descuido.
E o menino vê agora um quarto de hora para as nove.
O olhar doce ficou.
Agora sua parte esquerda incompleta.
Apenas isso.
Não pode mais deleitar-se com estrelas,
Ao menos se estiveres com o lado esquerdo.
Direita, direciona a sua direção.
O mundo, bola ardente, não tem mais aquela percepção.
Vê chiclete, pirulito, gíbi e televisão.
Cresceu menino, homem agora,
Escreve está melodia com o olho alçapão.
Guarda nele a imagem minuciosa, de momentos,
Nunca mais acontecerão...



T O M A D A

Donde tu...

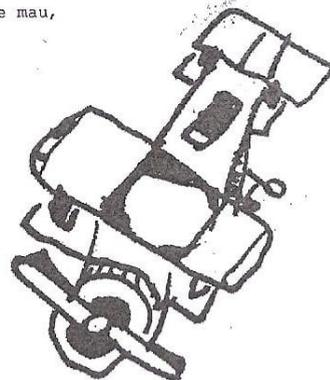
Comer broas de milho.
De amido de mandioca.
Nem gosto eu de broas.
Aprendei do gosto das broas.
Aprendei que o casório sempre estará marcado.
Aprendei que do riacho se leva o som.
Aprendei que broas são caminhos.
De salvação. Redenção.
Desprezo à meia.
Só cobro imposto às broas boas.

Ode às tardes de sábado

No armário
atrás dos trapos coloridos estampados com esquilos parecidos com lontras.
No armário
bem no fundo.
Eram as pastilhas de trigo, cor de bola murcha.
Eram as pastilhas de trigo, sabão engordurado.
Eram as pastilhas de trigo, fantasia, tardes de sábado com chuva.
Pastilhas de trigo com limão roubado
pastilhas de sonhos com limão roubado
limão roubado dos sonhos das pastilhas.
Pastilhas enegrecidas entre dois fios prateados.
Pastilhas dos sucos puros e inocentes.
Pastilhas, irmãs, amigas, madrastas.
Pastilhas, de chapéus com abas largas, botinhas pretas curtas.
Pastilhas de gesso e triciclo.
Pastilhas somente.
Um "pedacico" de gente.

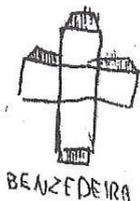
A primeira vez que minha mãe me chamou de mau

A primeira vez que minha mãe me chamou de mau,
Pensei que fosse por ódio,
Era conveniência em ser mãe.



Das pessoas das sete voltas

A benzedeira recostada e seu cigarro de palha a fumar.
Maria.
A velha bacia de latão. Lavar os pés.
A mulher sofredora; olhar cansativo, cabelos louros escorridos,
camiseta degolada, salsa picadinha.
Botões, café frio.
Uma que rezava... narizes, tosses, orelhas; voz entoante.
Os produtores e seus vinhos e vinagres.
O senhor astuto; frases em um italiano grosseiro. A força, a retidão talvez.
O bar, a soda limonada, os jogos de azar.
Os velhos, os moços, a criança.
O molho de tomate mais gostoso.
O pudim com mais calda.
As danças, os risos, a festa, a meninas da saúde, os conhecidos.
O entardecer.
Tudo se esvai. Copos plásticos nunca mais.
A benzedeira recostada acende seu cigarro de palha e faz uma oração pro menino magrela.
É Maria!



Choupana

Ela dava chá de arruda pra menina com cólicas,
Linha e açúcar queimado para as lombrigas.
Entre vagarosos dizeres, quase cânticos; insuflastes;
uma quase cantiga.
Era uma reza daquelas bem abençoadas.
A senhorinha de rugas altivas, e dedos grossos,
e argolas vermelhas nas orelhas.
Ela dava chá de malva pra dor de garganta.
E com a tesoura aberta fazia crer que o filho vingueiro era macho.
E ela sabia, porque a vida a ensinara.
E ela ensinava. Porque o menino atento a escutava.
E dela tirava forças.
E dos pães adocicados herdava um carinho sem igual.
E ela dava cinzas, daquelas depositadas no fogão, pra beber com água e sarar.

Bica dos amores

Na bica dos amores
vai malandro
vai putinha (e olha que não tenho nada contra elas)
vai gatinha, vai garanhão também.
Vai homem casado mas
sem a esposa.
As pedras brancas,
A água leitosa.
Na bica dos amores
Vai, vão.
Indo e vindo.
Taquaras e frutinhas.
Bambus nas...
Não mais dos amores.
Não.
Bica dos prazeres.

E hoje?

Minha mãe pedia:
cigarro brasileiro.
Todo fofoso eu ia
E achava um charme
Fumar os toquinhos rejeitados.

Minha mãe pedia:
queijo ralado.
Mas isso tínhamos em casa,
Bem curtido no vinagre.

Minha mãe pedia:
laranjas maduras.
Eu preferia verdes com sal.

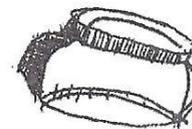
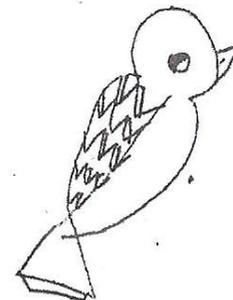
Eu concordava e discordava da minha mãe.
E hoje?

Tia Tita

Tia Tita fazia sopa bem temperadinha.
Também era temperado o seu olhar: tempero de tristeza.

Tia Tita tinha um armário.
No armário sapatos muito altos, brancos e carmins.
Perucas escandalosas.
Que serviam em mim.
Uma boneca de palha e tardes e sorrisos sem fim.

Eu buscava no armário,
Tudo aquilo.
Uma espécie de matrona me invadia.
Uma espécie de mulher me atraía.
Eu ia ao armário para sair do armário e um dia ser Tia.



Um as cartas

As cartas de Ana, a tia
tinham risos nas palavras.
Eram como que bochechas arrematadas por dedos gordos-
de unhas roídas, porém rosas.

As cartas de Ana, a tia
tinham açudes nas entrelinhas.
Eram como que peixes joaninha saltitando no barranco.

As cartas de Ana, a tia...eram a tia, eram Ana.
Elas vinham, elas chegavam (duas ou três ao ano).

E Ana, a tia
andava em fio corroído
brincava com touro bravo.

Mas era a tia.
Uma tia.
Ou era cartas.
Um as cartas.

Girafas e vento

As girafas queriam pegar.
Agarra-me, possuir-me, açoitar-me.
Entre relâmpagos, trovões, escuridão e tempestade.
Elas, girafas, batiam na janela do quarto.
Faziam um ruído estrondoso.
Medo.
Escondia-me no seio da mulher.
Ela puramente generosa acalentava meu horror.
Pavor.
Seu pavor tecia afeto, amor.
E as girafas.
PESCOÇOS LONGOS A ATEMORIZAR-ME.
O som ainda rodopia em minha mente.
Um som de assombro, de sopro.
Som carnívoro.
Por que girafas? Que som de girafas?
E até hoje não sei se girafas fazem algum som particular
Como o que eu fabulava diante do vento apunhalando a janela do quarto
dos meus pais.



Da escada

Ficava abismado pelo ritual da lavagem.
Eram paredes infundáveis.
Verdadeiros muros de cal e pó.
Ancas carnudas e ancas minguadas balançavam, exalando um odor de maçã.
Busquei explicações a vida inteira para o ritual da lavagem.
Todas aquelas senhoras; com esmero se esgueirando para limpar.
Seus lares sim.
Panos, e esponjas, e vassouras, e todo o querer em acabar.
Depois de acabado, voltar a pensar na próxima ocorrência do ato.
Com a alma e um recorde dulcíssimo.
Tardes de senhoras e suas limpezas.
Limpava minha alma com aquelas cenas projetadas sobre meus olhos.
Uma casa após outra.
Vermelhas, verdes e amarelas.
Recordo enegrecido, mas vivo.
Quero uma senhora que me afoque com seus rituais.
Bênçãos que faziam de mim, eu pequenino protegido.
Hoje sinto a desproteção e caio. Caio;
Mil vezes em minha vida; lembrarei das senhorinhas, coque altivo,
franjas, suor escorrido.
Calma, era isso que eu tinha e perdi.

Sabíamos

Aquela terra dura, batida.
Com pedacinhos de pau escavávamos ela-a terra.
A terrinha como gostávamos de dizer.
Eu à frente, elas duas atrás.
Era o cortejo mais belo e simples que havia.
Um menino-padre conduzia o enterro.
E então as meninas. Nina loira, testa em ângulo, olhos medonhos.
E então as meninas. A morena bambina, dentes acavalados, menina da
prece.
E desclamos o barranco, e perto do pé de funcho, enterrávamos.
Dentro das caixinhas de fósforos, os insetos que juntávamos mortos
pelos cantos da casa verde.
E éramos tão crentes que tínhamos certeza haver um céu para eles.
E sabíamos que um dia nos agradeceriam.
E o menino e as duas meninas. E o montinho de terra. E as cruces.
E flores por sobre a terra.
E eu não sabia que nunca seria padre e que haveria de não crer na
existência de um céu.



Sexta-feira

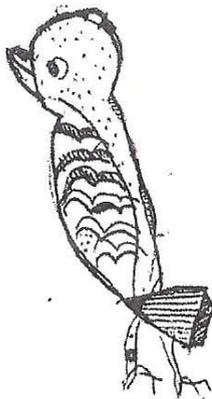
Mulheres nos varais,
Homens a capinar.
Um furto, aquele roubo.

Guris no campinho,
Três da tarde, hóstia e sininho.

Quero de volta o que me tiraram.
A força; afundado.
Na pia, água benta; batizado.

Ao lado: jaz goiabeira

Meu poema tem nariz.
Cheira-olfata.
Meu poema escorre.
A menina come guloseima.
Eu cheiro, sinto.
Volto.
Remonto.
Lembro.
O supermercado tem odor de saudade.
Medo, excitação.
O supermercado com seu cheiro-gosto de pastilha, polvilho malcheiroso.
Traz em mim um ardor incomum.
Arde e desinfeta.
Arde e arranca.
Eu perco o nexo.
E lambo um sanitário,
Com aguardente
seu gosto me faz cheiro.
Eu sou o cheiro.
Eu cheiro.
Supermercado me dá cheiro.
Eu sou o supermercado?



Pernas lamacentas.

Aqueles narizes entupidos e escorrendo à menor percepção.
Uma poeira macia e enevoadá.
Mas mágica.
Escalávamos as mais altas torres medievais, e transitávamos por sobre
o telhado. Arriscando um estatelar de corpos frágeis da meninice.
Um pulo... vários
Repetidamente.
Pulos não.
S

A
L
T
O

S

Saltos à imaginação, à liberdade.
Depois da aventura; à volta aqueles corpinhos imundos de serragem.
Ah, que saudades sinto da velha casa de máquinas, do odor da madeira
nova, da beleza em brincar sonhando.
Calçados perdi, boas experiências vivi.
Um gosto amargo e doce da velha serraria.

Meu pai e sua caderneta

Meu pai e sua caderneta azul riscada.
Ingredientes de dignidade
e tela para os desenhos da minha irmã.
Meu pai e sua caderneta de hastes retorcidas.
Meu pai e amanteigados
Meu pai, minha mãe, enamorados.
Caderneta mal escrita.
Redigida como um diploma
Medidas numéricas.
Pesos.
Copos e xícaras;
e com CH.
Meu pai e a caderneta dos biscoitos, bolos e pães.
Hoje sem a capa azul riscada.
Hoje.
Meu pai e minha caderneta.



Solana

Uma garrafinha de pepsi cola.
Água, sal.
Um pano sobre a boca da garrafa.
A benzedeira.
O benzido.
A benzedura.
O líquido fervilhando sobre a cabeça.

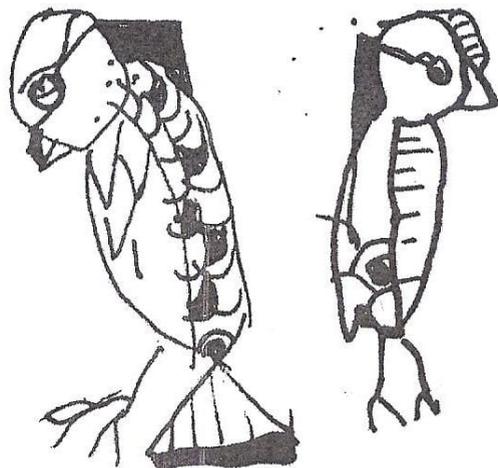
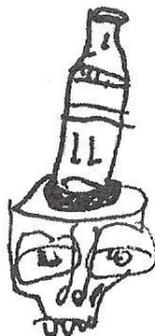
Quantas vezes tirou-se a minha dor.
Quantas vezes se foi a cefaléia.

Solana.
Soldado contra os males das cabecinhas.

Com garrafas, com água de torneira, com o sal e com o pano.
Cabeças; agora sem danos.

Para ler cantando junto com "ando, meio desligado"

eu não queria ser
"o mar de altivo porte" da Florbela
eu queria ser
a sanga escondida
nos taquarais.
eu queria ser
o bezerro unguido
pelo leite matinal-maternal
eu queria ser
o par de asas de uma borboleta
qualquer
eu queria ser
como o meu pai
que sabe de cor o canto de quase todos os passarinhos.



Sobre o autor:

Felipe Freitag é frederiquense por nascimento, vista-alegrense por criação, santa-mariense por adoção e sente-se um estrangeiro em qualquer lugar (assim como o seu escritor favorito, Caio Fernando Abreu). Nasceu sob o signo de Aquário (ascendente em Peixes e lua em Aquário) alguns meses antes do Velho Guerreiro falecer. É educador linguoliterário por formação. Costuma dizer que não escreve poemas, mas *flashes* da poesia presente no cotidiano, sobretudo, oriundas da memória. Poema é coisa para gente "profissa", por isso diz que tenta emoldurar poesia em quadros compostos por palavras. Também escreve contos e crônicas como que cortes abruptos de coisas do mundo que tenta ordenar para compreender. Acredita não ter fôlego para escrever um romance, pois seus textos só funcionam como retalhos de um tecido, ou seja, nunca seriam capazes de confeccionar uma colcha bem alinhavada. Aprendeu com Rita Cadillac ("é bom para o moral") a gabar-se um pouquinho, então: em 2007, aos 19 anos, recebeu menção honrosa pelo poema Bolachas de ardem no Prêmio Lila Ripoll de Poesia, da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, gerando publicação de seu poema em coletânea com os demais autores premiados; em 2009, aos 21 anos, foi um dos onze vencedores do Prêmio Valdeck Almeida de Jesus de contos LGBTTs (homenagem a Jean Wyllys) com o conto O templo das mãos, o qual foi publicado em coletânea na Bienal do livro de São Paulo no mesmo ano.

Texto de apresentação: Professora Dr.ª Aline Coelho da Silva (UFPEL)

Ilustrações: Polin Moreira

Formato: Fanzine



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>.